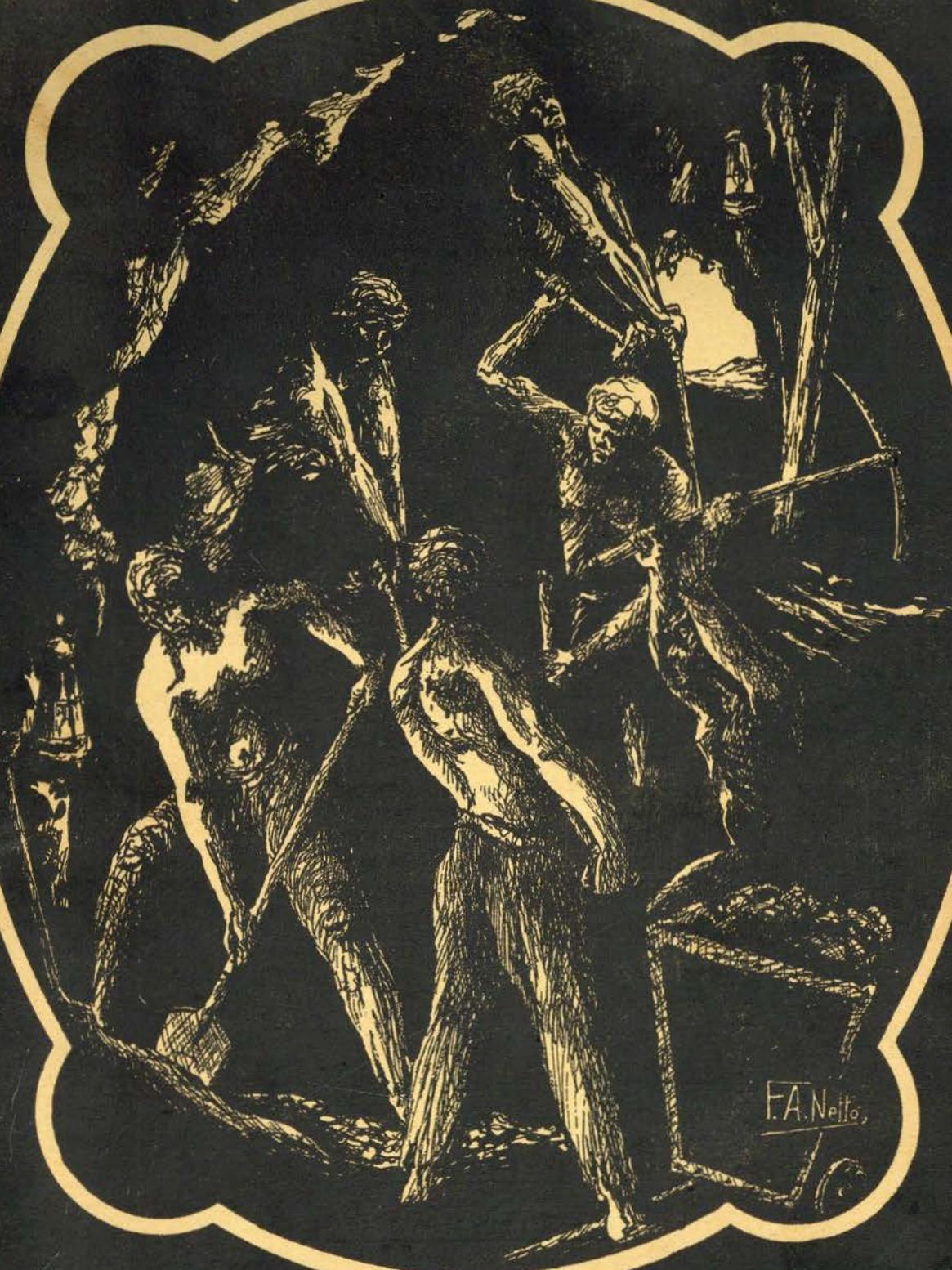


RENOVAÇÃO



NUMERO 22

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: Santos Arranha * Editor: Alexandre de Assis * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: Imprensa Beza — R. da Rosa, 99 a 107
Redacção e Administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Telefone: Trindade 539

SUMARIO do numero anterior:

VELHAS E NOVAS ROSAS DE MAIO, por Rocha Martins, com um desenho inédito de Cristiano de Carvalho — O MERCADO DO TRABALHO, por Eduardo Frias (com gravuras) — O HOMEM, soneto de Bento Faria — ANTERO DO QUENTAL, por Nogueira de Brito (com gravuras) — AS FLORES COMO ETERNO MOTIVO DE BELEZA, por Ferreira de Castro (com gravuras) — VIDAS AGITADAS. HOMENS E FACTOS: Karl Liebknecht (com gravuras) — O SOCIALISMO QUE PASSOU, por Ladislau Batalha (com gravuras) — UM REVOLUCIONARIO INDIANO: Rabindranath Tagore, por F. de C. (com retrato) — A SCENOGRAPHIA DA VANGUARDA, por F. de C. (com gravuras).

Ano I — Numero 22

Lisboa, 15 de Maio de 1926

Renovação

A MORTE DOS APOSTOLOS



RECENTEMENTE, surgiu entre os bosques sussurrantes da Índia um novo Messias — um novo apóstolo.

Krishnamurti é o seu nome. E Madras é a sua Galileia.

A Europa, um pouco surpreendida, comenta esta aparição com um sorriso irónico...

Nem a Europa sabe a causa fundamental desse seu sorriso.

Num momento em que ela pede um ditador, um «salvador», um Messias político, enfim, não se devia surpreender que na Índia longínqua aparecesse um Messias religioso...

E todavia, a Europa surpreendeu-se...

Um novo Messias no século XX?

Um apóstolo numa época de scepticismo?

Analisado sob o ponto de vista indiano, o Messias não devia surpreender a Europa.

A Índia está sob um regime de opressão; a Índia vive expoliada pelo leopardo inglês; a Índia, com o Ganges de pó do seu tradicionalismo religioso, não foi ainda varrida pela ventania higienica do ateísmo.

Assim se explica o prestígio formidável de Mahatma Gandhi, arrastando num apóstolado de autonomia política, legiões de escravizados sedentos de liberdade e assim se justifica este jovem Messias que arrasta rebanhos de crentes para um novo círculo teosofico.

Uma grande diferença, porém, separa os dois apóstolos: — o primeiro, fazendo crepitar a rebeldia, levará os seus compatriotas para a emancipação, furtando-se ao domínio inglês; o segundo, derramando os oleos da crença, propagará a resignação, é dizer, a escravidão à Inglaterra. E as suas próprias teorias teosoficas, de remota origem indiana, aparecem agora civilizadas, polidas, com um falso ar científico, dado pela Inglaterra antes de reexportá-las.

Albion sabe que uma religião dominante vale mais que um exercito opressor.

Mas na Índia os apóstolos ainda teem justificação. Na Índia e em todas as regiões onde os homens não conquistaram ainda os elementares principios de Liberdade. Ahi, o apóstolo é como que a concatenação numa só voz de todas as vozes populares, para que os anseios destas sejam gritados bem alto.

Principia por irritar o meio em que vive, ao lançar a semente duma nova ideia ou crença e acaba sendo, junto do credo, o representante daqueles a quem êle sugestionou. Se o campo não é propicio, o apóstolo será sacrificado antes mesmo de ver triunfar a sua ideia, e entrará assim na galeria dos mártires; se, pelo contrario, êle triunfa, passará a ter o papel de um tirano espiritual.

Os apóstolos surgem sempre com as grandes opressões e só triunfam no instante preciso em que as almas, por mais primitivas e ingenuas que sejam, aspiram a uma maior liberdade, que será conquistada pela luta, ou a um maior conforto moral, que até hoje tem sido alcançado pela morfina das religiões.

Mas na Europa, e nos países ligados á corrente mental europeia, a morte aos apóstolos é já um facto. E assim se justifica o sorriso de ironia com que no nosso continente foi recebida a noticia de que em Madras surgira um novo apóstolo teosofico, ao qual logo deram a categoria de Messias...

E' que na Europa, hoje, as ideias inspiram mais confiança do que os homens.

Cristo impôs a sua doutrina, pela sua acção exterior, pelas suas peripetuições, pelos seus «milagres», se tomarmos como realidade as fantasias bíblicas...

E até á revolução francesa foram os homens que impuzeram as ideias e não as ideias que impuzeram os homens.

Depois veio o reverso. O prestígio de Tolstói, de Kropotckine, surge já posteriormente á difusão das suas teorias.

E embora na revolução russa — a Russia era da Europa o país mais escravizado e mais propicio a todas as especies de fanatismo — ainda os homens se confundissem com as ideias, hoje em toda a terra europeia a separação está realzada.

A propria burguesia, ao defender a ideia da ditadura, mostra-se sceptica quando pensa no ditador...

O apóstolo ou aquele que procura concentrar em si qualquer corpo de doutrinas, já não merece dos povos civilizados a cega confiança de outrora.

Hoje, as ideias que triunfam não são aquelas que um só homem pode representar e rea-

lisar, mas sim as que abrangem todos os homens. E' dizer: o homem foi substituído pela humanidade.

Esta evolução, entre os seus complexos aspectos, é devida principalmente a dois factores. Primeiro, á constatada insuficiência de todas as instituições que vivem apenas sob a égide dum individuo, sujeito como quasi todos os outros mortais, a vis transigências, a ambições, a egoismos, até a reivindicações. Não nos teem dado esse exemplo, reis, imperadores, comandantes de exercitos, presidentes, ministros, todos aqueles que dizem encarnar o espirito dum regime?

O segundo factor daquela evolução está no descredito dos facéis verbalismos, das ocas retóricas e até das imponentes eloquências.

Era o fogo da palavra falada que criava os apóstolos. Hoje, sob a magia dessa palavra, as multidões podem vibrar um instante, mas logo que passa o sortilego contagio, elas voltam ao seu scepticismo sobre o homem — esse scepticismo que tem sua causa em miríades de traições, de deslealdades, feitas por apóstolos através de todos os seculos.

Hoje só as ideias valem. As ideias que abrangem os homens e não um homem. Vai morrendo já essa ascendencia que alguns individuos conquistaram sobre os seus semelhantes. Um grande sentido de igualdade, uma rasa igualitaria vai rolando sobre as almas, até agora obsecadas pela falsa superioridade atribuída a certos homens.

Nós devemos consagrar esta morte dos apóstolos como o verdadeiro nascimento dos homens livres. Devemos consagrar esta descrença nos apóstolos, como uma victoria.

Pois só é verdadeiramente emancipado aquele que não é discipulo, aquele que nao é fiel, aquele que não tem mestre nem sacerdote. As ideias só são verdadeiramente emancipadoras, quando estão no espirito dos homens e não quando para se comungar nelas se tem de adorar a um só homem. A grande obra do futuro tem de ser uma obra colectiva.

Ferreira de Assis

O pessoal dos tabacos



O pessoal das Fabricas de Tabacos ao sair de uma sessão — a que assistiu — da Camara dos Deputados, dirigiu-se para a sede da C. G. T. onde realizou uma sessão em que defenderam os seus interesses e o seu ponto de vista na momentosa questão dos Tabacos. As gravuras dão um aspecto da assistencia e da mesa que presidiu a essa sessão em que falaram varios operarios.



O Apóstolo e o Guerreiro

SONETO

*Beija-me a espada o astro rutilante
— disse o Guerreiro — Embora muito valhas,
Apóst'lo, nunca o sol de mil batalhas
osculou o teu seio palpitante.*

*Tem-me respeito o mundo provocante,
a quem prendi a leis de ferreas malhas;
e tu, que ha tanto século trabalhas,
nem logras aquiétá-lo um só instante.*

*Respeito! — exclama o Apóst'lo — oh! não!
No fundo
o que ha é mêdo dêsse teu rancôr,
mêdo que é ódio... e ódio bem profundo!*

*Repara qual de nós tem mais valôr:
tu pela fôrça conquistaste o mundo,
eu hei de conquista-lo pelo amôr!*

INÉDITO

1926

Bento Farid.

O DIREITO À VIDA E A FALTA DE SANIDADE NOS BAIRROS POBRES

A sciencia contemporanea constata e aconselha a necessidade dum perfeito serviço sanitario, duma perfeita hygiene, onde a vida encontre um ambiente mais propicio á sua defesa, onde o organismo humano possa resistir melhor ao ataque das enfermidades.

Está absolutamente averiguado que as medidas sani-



Preparando emanações de «radio»

tarias podem libertar as densas multidões, de varias doenças, especialmente as de character epidemico.

Muitos exemplos teriamos para citar, entre eles o de Oswaldo Cruz, o grande higienista brasileiro, que conseguiu com a montagem dum rigoroso serviço sanitario extinguir no Brasil a febre amarela e outras doenças comuns aos climas tropicais.

Todavia, apesar dos resultados obtidos em alguns paises, os elementos profilaticos e sanitarios descobertos pela sciencia e de tão util alcance para a humanidade, não têm sido postos em pratica com o character geral que é indispensavel que eles tenham. Ou são applicados para uma minoria enriquecida e privilegiada socialmente, ou não passam da teoria.

O Estado não se preocupa com o individuo, com a sua vida, senão para explora-lo e domina-lo.

Inutilmente, sabios dedicadissimos trabalham com o desejo de bem servir as collectividades. O producto desse trabalho nobre e paciente é sempre applicado em beneficio dum pequeno numero — dos poderosos, dos fortes, dos que podem colocar ao seu serviço todas as conquistas da Sciencia e da Civilisação.

E a não ser assim, como se compreenderia que o Estado, que se diz o representante e defensor dos interesses colectivos, deixasse nas mais tristes e lamentaveis condições de vida, á maioria dos individuos?

Percoremos as cidades europeias, mesmo as que se dizem mais civilisadas, mais progressivas—Londres, Paris,

Berlim — e encontramos ao lado dos bairros suntuosos, modernos, com todos os requintes de conforto e hygiene (os bairros dos expoliadores, dos parasitas sociais), outros, negros, sujos, imundos, isentos dos mais comensinhos meios de sanidade. Bairros de gente pobre, bairros de gente que trabalha, que dá o seu suor aos outros, que é vítima de todas as expoliações e que não tem por isso recursos materiais nem instrucção para tomar providencias sanitarias. O Estado, «o defensor dos interesses colectivos», finge que não vê — não se preocupa, não ensaia sequer um gesto de intervenção.

Para o Estado a vida das classes pobres só merece desdem; os bairros exóticos estão entregues a um grande abandono como sanitario. Ali não só não ha alegria de vida, como não existe nenhum elemento profilatico e higienico.

Dir-nos-hão que são essas proprias classes que não tem um criterio sanitario. Em parte, assim é. Não tiveram recursos para instruir-se; o trabalho e a miseria forçaram-nas desde os anos infantis a preocuparem-se só com as necessidades mais immediatas, mais instruitivas, mais fundamentais, mais indispensaveis. Mas se elas tivessem o criterio sanitario?

Não eram necessarios para executa-lo, recursos financeiros de que essas classes não dispõem? Porque a hygiene tambem é privilegio dos ricos. Porque a defesa do organismo humano só pode ser feita, nesta sociedade, por quem tem dinheiro, pelos poderosos.

Contudo, os sabios que estudaram e descobriram esses elementos sanitarios, fizeram-no por todos, pela humanidade em geral e não por uma minoria de parasitas sociais.

A hygiene deve ser colectiva, sem distincção de classes nem de individuos. O direito á vida é a unica coisa verdadeiramente sagrada. Todavia, isso só se conseguirá completamente numa sociedade feita sob a inteligencia e não sob odiosas tradicções e iniquas diferenças sociais. Só numa sociedade nova, numa sociedade de fraternidade, o direito á vida será um direito indestrutivel.

A T. S. F. em Inglaterra

Data de nossos dias o aparecimento da Telegrafia sem fios, cujo inventor ainda vive. A telefonia pelo mesmo sistema tem poucos anos ainda; apesar disso, o número de aparelhos a funcionar é verdadeiramente extraordinário. Pode mesmo dizer-se que invento algum conseguiu uma tão larga expansão em tão pouco tempo.

Só em Inglaterra, existiam, em meados de 1925, 1.250.000 aparelhos. Uma estatística recente dá esse número elevado a 1.900.000, — o que indica que em quasi dois milhões de casas do Reino-Unido existem os apreciaveis aparelhos de telefonia sem fios, que permitem a audição, gratuita, de bons concertos e das novidades de todo o Mundo.

Uma concorrência apreciável para a Imprensa, e que os pianistas de fama devem ter sentido bastante.

A CRIANÇA COMO MOTIVO ARTISTICO

Desde os manipulansos africanos ás mais toscas manifestações escultóricas da Asia, desde os marmores eternos dos gregos ás telas religiosas do cristianismo, a criança foi sempre um motivo artistico, um motivo inspirador.



O traço de união, do escultor Boyriven

Na pintura, na escultura e na literatura, esses corpitos roseos e essas expressões de assombro perante o mundo que se vai revelando pouco a pouco, tiveram sempre quem as fixasse, quem as eternizasse.

E' porque a criança é um motivo de rara ternura, um motivo de pulcritude — é a ponte do futuro, a linha da continuidade, o bracito que nos aponta as largas perspectivas do amanhã.

Ela está nos frisos pagãos, como elemento decorativo; está nos quadros que os grandes mestres da pintura fizeram para a Igreja, como simbolo angelico, como interpretação de pureza; está na arte contemporânea, com um sentido de realidade, um sentido de affecto, um sentido do amor impercível dos pais.

E' na criança que a arte combativa, a arte com intensões, procura o seu mais forte argumento. O sofrimento infantil comove e revolta mais do que o sofrimento dos adultos, e daí os artistas da vanguarda ideologica aproveitaram as crianças como motivo re-

velador das profundas desigualdades sociais. Impressiona mais essa criança esfarrapada, faminta, que estende a sua mãozinha a uma clemencia que se faz tardar, que não chegará talvez, do que esses homens em cujo corpo a

fatalidade marcou já, para sempre, para sempre, os seus indelevelis estigmas. Daí a criança aparecer na arte, por vezes, como elemento combativo, pois todo o combate pelas nobres cousas, mais que cerebral é sentimental.

Sabe-se tambem que é ainda a criança a chave que abre a porta da emoção nas almas mais endurecidas — e a historia regista rainhas que esqueceram a sua corôa para se transformarem, nos instantes de perigo, em mães humanissimas, e homens secos, cujo coração dir-se-ia petrificado, revelarem-se dum momento para o outro, pais que tudo sacrificam á vida dos seus filhos.

Assim, através da Arte, a criança surge como o aro neutro invulneravel, que liga humanamente, nas grandes eclosões de ideias, aos mais terriveis adversarios.

E a propria mãe dir-se-ha invulneravel tambem, desde que em seus braços guarda, como um escudo, o tenro corpito duma criança.

E assim, sob essa aureola da maternidade, sob esse sortilégio que tem o busto feminino debruçado sobre a criança, a mulher-mãe tem



O primeiro filho, escultura de Roze

tido sempre motivo inspirador das grandes obras primas da Arte.

Poucos pintores, poucos escultores, poucos escritores, tem desdenhado esse assunto: ao

que as crianças — as crianças que são vergon-teas duma arvore que mergulhou as suas raizes nos seculos remotos e que ha de reflorir nos seculos vindouras...

São esses labios que só sabem titubear, que hão de pronunciar as palavras sonoras de amanhã, as verdades do futuro; são esses cerebros ainda por desabrochar, que hão de florir em ideias vindouras — as ideias dos nossos descendentes.

São a crianças de hoje a ponte que o nosso espirito necessita para chegar até ao amanhã; são elas que hão de aperfeiçoar e ampliar as nos-sas mais vivas aspirações, os nossos mais sinceros anelos.

Elas representam a linha de conti-nuidade, a eterna fluencia do espirito humano; elas constituem o nosso maior legado ao mundo futuro, ao mundo que hoje apenas vislumbra-mos, mas até ao qual chegaremos atravez da alma das crianças de hoje — pais de amanhã...



Irmãos, de Aimé Morot

contrario, os nomes mais gloriosos do presente e do passado incluíram na sua obra essa figura de mulher que está acima de todas as outras paixões da vida, somente pelo condão da maternidade, representada por essa criança que, entre rendas e cambraias ou envolta em pobres tecidos, repousa nos seus braços ou nesse berço que se embala sob a oculta vigilancia do Futuro. Afim a criança é tratada artisticamente como elemento sugestivo da ternura e do amor eterno que transparece no rosto e na atitude da mãe; é um elemento de sugestão e não de revelação.

Isolada, a criança toma na arte outro aspecto — o da sua pureza, o de seu encanto ingenuo, o da sua alegria juvenil ou o da sua tristeza passageira — essa tristeza que nos rostos infantis é como uma nuvem sobre o sol primaveril.

O artista, ao fixar assim a criança, já não interpreta o amor maternal, mas sim os proprios principios da Humanidade — e aos nossos olhos surge não só a vida por nós vivida, mas até esse assombro, essas outras perspectivas, esses doces movimentos e essas emotivas indecisões dum mundo que nos parece de ontem, mas que tambem é de hoje, de amanhã e de sempre; um mundo ligado em todos os seus polos pelas correntes inquebraveis da Eternidade. E não ha, de facto, de mais forte entre a Humanidade, do



Muito difícil, quadro de Colombe de Cayore

SUPERSTIÇÕES

ALECRIM, ERA E ROSMANINHO

A superstição açambarca todas as cousas, vegetais, animais, minerais, pessoas, qualidades, virtudes, vícios, astros e meteoros.

Abranger o conjunto seria estenso, insuficiente e fastidioso. Preferimos estudar o assunto por partes, tornando-o interessante e elucidativo.

Falaremos hoje do alecrim e do rosmarinho, que representam um papel importantíssimo nas superstições de todo o mundo civilizado.

I

Durante a Semana Santa, quem visita Igrejas, ali encontra profusamente espalhados pelo chão, ramos de rosmarinho misturados com outros de alecrim em menos quantidade.

As lavadeiras teem por costume nesta época, levar raminhos destas ervas ás suas freguezas, que as aceitam com grande satisfação, e penduram-nos na parede, gratificando quem lhos trouxe.

Porque é isto? Donde vêm as virtudes religiosas que a superstição atribui a estas plantas? De que serve o raminho de alecrim posto no oratório dos devotos ou dependurado da parede dos crentes?

Os Católicos portugueses consagraram desde os primeiros tempos o rosmarinho a Nossa Senhora, fazendo crêr que ela tinha perfumado os cueiros do Menino Jesus com esta planta, e com isto, em vez de originalidade, apenas foram buscar ao paganismo que tanto combatiam, uma prática por elles condenada.

Com efeito, na mitologia grega o Mirto (planta) era também consagrado a Venus, deusa da formosura. Não nos consta contudo, que ela defumasse Cupido com outra cousa que não fossem beijos ardentes e deliciosos!

A intervenção religiosa do rosmarinho não é exclusivamente nossa. Nas creanças da Andaluzia, foi ele que serviu de grande auxilio a Nossa Senhora, na sua suposta fuga para o Egipto, proporcionando com as suas ramas um fóto leito onde o Menino Jesus dormia e socegava.

Daqui veiu a acreditar-se que só por milagre o rosmarinho se desabrocha com flores no mez da Paixão.

A escolha, porém, e preferencia desta planta para usos supersticiosos resulta ainda de uma grosseira adaptação de costumes mais antigos.

O rosmarinho antes de ser consagrado pelo Cristianismo, já o era entre os povos de outras religiões mais remotas e desaparecidas, para ritos funerários e também amorosos ou fálicos, e usos therapeuticos.

Os Gregos ornavam os seus templos e os Romanos os seus Lares e Penates com rosmarinho e alecrim, plantas igualmente labiadas, aparentadas uma com a outra. São tidas como plantas benéficas, virtuosas, portadoras de felicidade e boas para afugentar a desgraça.

E' por isso que em Bolonha se acredita que as flores do alecrim e do rosmarinho postas em contacto com a carne e bem juntas ao coração produzem alegria e afastam as tristezas.

Tambem entre nós se perpetuaram por todo o país as qualidades bemfazejas atribuidas ao rosmarinho, á era e ao alecrim em applicações de amor, therapeuticas e fálicas.

No processo que a Inquisição moveu contra João da Penha, acusado de feitiçaria e queimado num Auto de Fê, lê-se no Item 8.º que elle olhara para as mãos de uma mulher e benzerá-a com a sua própria mão, queimando juntamente um pedaço de rosmarinho.

O antigo hábito de perfumar casas e roupas com alecrim provém de uma crendice ainda persistente em Lavadoras, perto do Porto. Ali acredita-se que o Diabo foge

do alecrim, d'onde sae como corolário que o fumo d'esta planta é eficaz para afugentá-lo!

O alecrim e o louro queimados servem também n'alguns logares para perfumar as crianças bravas, attribuindo-se-lhes a propriedade de torná-las mansas!

Em Penela (Coimbra) ainda é uso espetar no centro das ceáras e sementeiras uma cruz de louro ou de alecrim, a fim de livrá-las de mal.

Nesta applicação agricola, como se vê, continua o animismo, concedendo ás plantas poderes benéficos que os lavradores em geral obteem pelo emprego do espantallo, do enxôfre, da calda bordeleza e outros meios com que se evita a voracidade dos passaros, a invasão do piolho, do mildiú, filoxera e outros males das novidades.

II

Das propriedades benéficas que a crendice supersticiosa concede a estas plantas, resultam applicações varias para resolver as questões de amor, curar certas doenças, libertar de certos ameaços meteorológicos, etc.

Acredita-se que quem, passando por um campo onde haja alecrim bravo, era ou rosmarinho, não apanhar um ramo, ficará desmemoriado.

Daqui viria o seguinte adágio popular rimado:

«Quem pelo alecrim passou
E um raminho não apanhou,
Do seu amor não se lembrou».

A versão relativa á era, uma outra planta virtuosa, ainda é mais completa:

«Quem pela era passou
E uma folhinha não tirou,
Do seu amor não se lembrou».

«Mas eu pela era passei,
E uma folhinha tirei,
Do meu amor me lembrei.»

Aqui já entra um prelúdio do culto fálico mais largamente desenvolvido em cantos populares que rapazes e raparigas, por essas aldeias fóra, entoam e dansam em roda, em torneios de amor entre namorados e prometidas.

No Alemtejo ouvem-se na desgarrada quadras como estas:

«A' porta da minha sogra
Bate o alecrim na areia;
Tu és a minha prisão,
Eu sou a tua cadeia.»

«Considera, amor, que eu durmo
Numa cama de alecrim,
Se dormira nos teus braços
Seria um dormir sem fim.»

Outras se usam onde as allusões denunciadoras do culto fálico são mais flagrantés.

Entre outras muitas, ocorre-nos citar esta:

«Quem me dera ser como a era,
Pela parede a subir,
Para chegar á janela
Do teu quarto de dormir».

Nesta outra é evidente a intenção de um segundo sentido:

«O alecrim desta terra
Não é como o da minha,
Este tem a folha larga,
O meu tem-na miudinha.»

As propriedades terapeuticas afirmam-se igualmente em superstições largamente generalizadas.

Assim, por exemplo, no Minho é crença geral que para livrar uma criança de cair em poder das bruxas que se julga que lhe chupam o sangue, basta meter-lhe debaixo do travesseiro uma tesoura aberta em forma de cruz e uns ramos de arruda e alecrim.

Para curar o quebranto, segundo a crendice popular, basta reunir quatro bocados de chita, quatro ditos de algodão, quatro sapatos velhos, quatro pedaços de pau do ar, quatro ramos de arveira, quatro de rosmarinho e quatro de alecrim. Atira-se tudo para o lume e passa-se pelo fumo a criança doente.

Não menos interessante é a superstição que substitue os remedios de farmacia por outros fundados num empirismo doentio.

Entre a parte do povo ainda crédula destes elixires mágicos, corre o costume de sair para o campo em dia de Natal, á meia noite, e apanhar a essa hora arruda, alecrim, salva e erva terrestre.

Para que? perguntar-se-ha. Aqui vai o receituário popular das superstições.

A arruda, depois de fritada em azeite, dizem eles que serve para dar fomentações.

Com as outras plantas apanhadas faz-se chá sempre bom e applicavel, segundo a superstição, quando algum se encontra doente.

E o melhor do exilir é que, além de sair barato, serve para toda a qualidade de doença, ou seja uma tuberculose em ultimo grau, uma unha encravada ou uma simples defluxeira!

E assim proseguirá o obscurantismo das superstições cujo desenvolvimento o Catholicismo fomentou, até que a instrução livre, obrigatoria e profusamente disseminada, faça luz nesses cérebros e permita assimilar as conclusões modernas, eficazes e sucessivas da sciencia.

III

Não fecharemos este artigo sem nos referirmos ás virtudes do Alecrim em materia meteorológica.

As crenças neste sentido são muitas e variadissimas. Reportar-nos-hemos por agora apenas ás relações que desde toda a antiguidade até hoje o homem menos culto julga encontrar entre o raio e as plantas de que nos estamos ocupando.

Os Etruscos tiveram efectivamente uma superstição completa e muito pormenorizada a respeito dos raios. Delles tiraram prognósticos bons e maus, attribuíam-lhes uma mitologia muito especial, faziam-se-lhes sacrificios de animais, e consagravam as terras e as arvores que algum raio tivesse fulminado.

Num tempo em que se desconhecia a electricidade e portanto a propriedade que as diversas arvores teem de ser boas ou más conductoras do fluido electrico, compreende-se que se considerassem arvores funestas aquellas que o raio fulminasse.

Eram logo consagradas, faziam-se-lhe preces, etc.

Para estranhar é, porém, que até nós chegassem quasi inalteraveis estas superstições geradas no animismo

Tambem em Portugal se crê nas arvores benéficas e nas funestas.

Daqui provirá o velho adágio português: — «Quem a boa árvore se encosta, boa sombra colhe».

O culto das arvores ainda subsiste em expressões de uso quotidiano, como estas: — «a árvore da redenção», «a árvore do Natal», «a árvore genealógica», e no chamado «culto da árvore» que ultimamente renasceu, para gaudío pedagógico das crianças.

Voltando á velha Etruria, onde ali caía raio, considerava-se terra sagrada, que não mais era permitido servir para usos profanos.

As cerimónias visavam então, e antes de tudo, a enterrar tudo quanto se reputava ser vestígio da passagem do raio pelo sitio.

Os sacerdotes do fogo, psalmodiando, enterravam quaisquer objectos que tivessem sido fulminados.

Até nós chegou a superstição das — «chamadas pedras de raio» — que no entender da gente supersticiosa

profundam sete braços pelo chão dentro, conforme tambem os Etruscos acreditavam, e cada ano sobem uma braça em direcção á superficie.

Devia ser assombrosamente belo esse espectáculo dos velhos sacerdotes da Etrúria, envoltos nas suas túnicas, ao ar livre e no meio da multidão silenciosa, procedendo solenemente a certas cerimónias do ritual para a sepultura das «pedras de raio» e sacrificio de ovelhas na Pira ardente a fim de que do Ceu não caíssem mais raios e as pedras enterradas não mais fulgurassem.

Pois tudo isto que mais ou menos se relaciona com nossos estudos sobre o alecrim e o rosmarinho ainda subsiste.

Quando faz trovoadas continúa a haver quem logo deite alecrim no lume para afugentar o raio!

Para livrar do raio uma casa, muitos dos que não acreditam na eficacia scientifica dos pára-raios, entendem que se devem guardar dentro dela sete ervas colhidas na manhã do dia de S. João.

No número destas entra o funcho, o digitalis, o rosmarinho e o alecrim.

Nas festas sagradas espalham-se pelo chão ervas de significado mágico. Na celebração de algumas festas profanas enfeitam-se as casas e as escadas com palmas e ramos de arvoredos.

Cá continúa o uso das alcachofas com o seu suposto poder divinatório, as favas ressequidas com os seus significados alusivos ao culto fálico, o trevo de quatro folhas e a festa da Espiga com todo o seu simbolismo supersticioso.

E passa-se isto em pleno século XX, a mostrar-nos como as correntes estáticas da sociedade lutam relativamente victoriosas contra as correntes dinâmicas trazidas pela sciencia e pela civilização.

Isto significa que ha dois milhões de anos depois que o homem primitivo appareceu sobre a Terra, ainda o animismo dessas épocas obscuras perdura, impondo-se-nos a todos os que nos interessamos pelo Progresso e pela Civilização, travar uma luta de todos os instantes contra tudo que favoreça a conservação dos erros que convém dispersar e destruir.

Ladimian P. P. P.



Botões sangrentos

Não se assustem. Não se trata de façanhuda tragédia à Mantépin, nem de crime diabólico, à Cornnan Doylin. Nada disso. Queremos simplesmente referir-nos a uma industria alemã de criação recente: a dos botões de aglomerados de sangue, que estão conquistando todos os mercados mundiais, e prendendo altamente a atenção das damas, com o seu vermelho escuro, profundo, inalterável.

Com o sangue dos matadouros alemães e Theco-slovacos, reduzido a uma massa cuja consistência é obtida submetendo-a a alta pressão, lembrou-se alguém de fabricar uns botões que a moda feminina prontamente elegeu, não só porque são deveras vistosos, como porque o preço é convidativo.

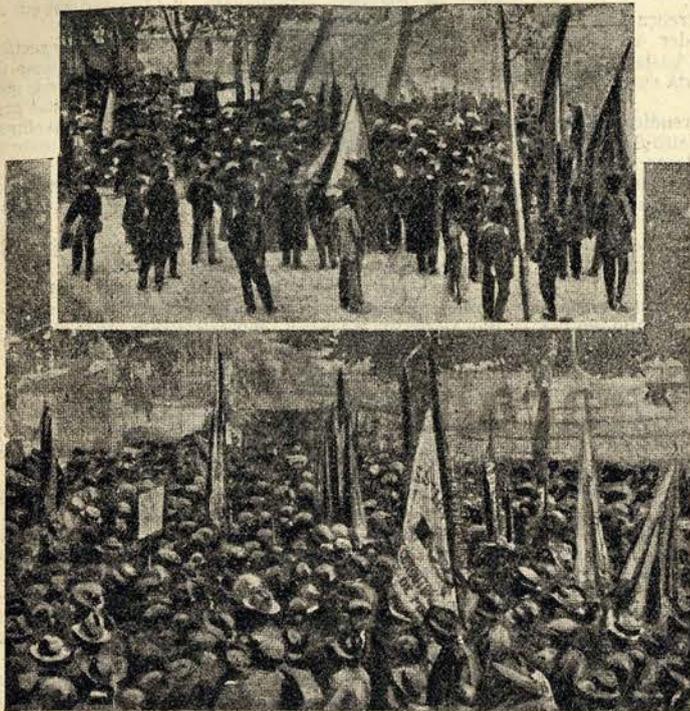
Quem não está satisfeito com a inovação são as industrias inglesas da especialidade, a quem o fabrico desta espécie de botões prejudica seriamente.

O 1.º DE MAIO

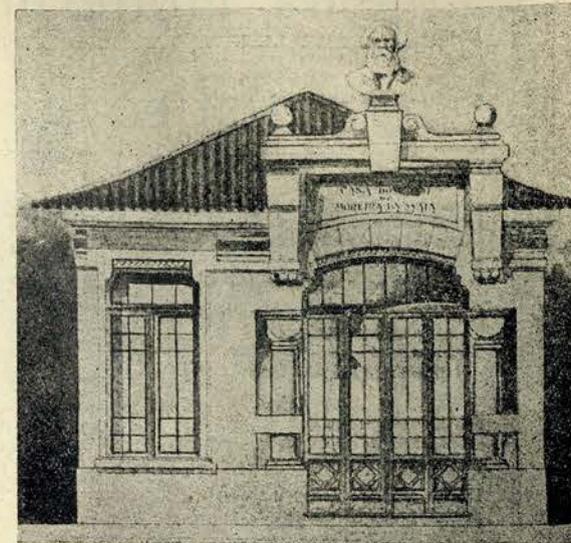
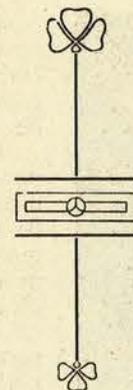
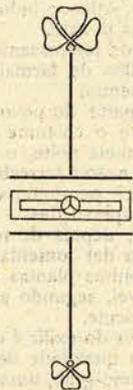
ACTUALIDADES

O «SOCORRO VERMELHO»

CASA DO POVO DE MOREIRA DA MAIA



O comício promovido pela Camara Sindical do Trabalho do Porto, na Alameda das Fontainhas, a que presidiu Santos Arranha, representante directo da C. G. T. — Em cima, a chegada das colectividades operarias com os seus estandartes. Em baixo: ouvindo os oradores.



A Casa do Povo



Um aspecto da multidão aguardando a organização do cortejo



O sr. Amancio de Alpoim discursando no comício, promovido pelos socialistas do Porto, no Palacio das Virtudes.



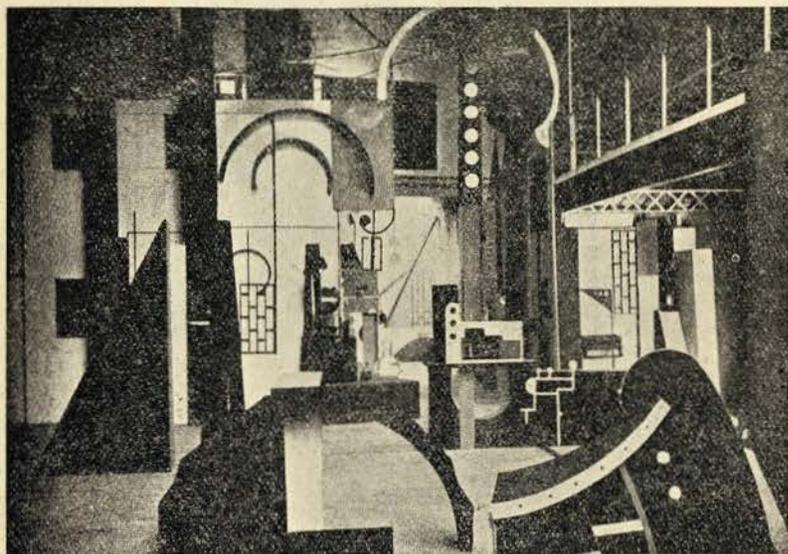
Em Moreira da Maia — O cortejo a caminho do local do comício

Reprodução dum bilhete postal russo de propaganda do Socorro Vermelho
 Deu a Policia a honra do galarim ao Socorro Vermelho. Por andarem distribuindo, no dia 1.º de Maio, manifestos editados pela secção portuguesa desta instituição internacional de solidariedade operaria, a policia prendeu alguns operarios e tentou envolve-los num imaginoso plano de uma nova legião vermelha com o fim de exterminar os burgueses. Ou porque lhe faltasse o engenho, ou porque falte já ás descobertas da policia o credito do publico, a fantasia não foi levada por diante e os distribuidores dos manifestos do Socorro Vermelho foram postos em liberdade

No dia 1.º de Maio foi inaugurada em Moreira da Maia — localidade proxima do Porto — a Casa do Povo, instituição cooperativa, de beneficencia e instrução, da iniciativa de elementos socialistas.
 A Casa do Povo de Moreira da Maia, é uma elegante e solida construção, toda em cantaria, sendo a fachada encimada pelo busto em granito, do grande socialista germanico Carlos Marx. O acto da inauguração foi extraordinariamente concorrido. Os comboios do Porto despejaram em Moreira da Maia centenas de excursionistas, recebidos na estação com vivas á Republica Social e com os acordes da Internacional.

O 1.º de Maio deste ano foi uma bela jornada revolucionaria. Números comícios e sessões se realizaram em muitos pontos do país, decorrendo todos os actos com grande entusiasmo e larga concorrência. A paralização foi em muitas cidades quasi completa. O operariado português afirmou o seu desejo de emancipar-se do jugo do salariato, e na energia e na fé que evidenciou devem ter encontrado os militantes, novos alentos para prosseguir com mais actividade na propaganda libertadora e na organização sindical.

O cinema moderno e o seu papel artístico e educador



Uma interpretação mecânica do «film» «A Deshumana»

O cinema tem dentro da colectividade dois grandes papeis: o de educador e o de artístico.

O primeiro tem sido falsificado, adulterado, desviado do seu verdadeiro alvo pelas mãos dum industrialismo sem escrúpulos.

Explorado sob uma orientação mercantilista o cinema actual, em vez de preparar espíritos elevados, envenena-os, especialmente aos espíritos infantis. Sentimentos e instintos já adormecidos no regaço dos velhos séculos, são pelo cinema despertados, nessas detestáveis películas que a America fabrica e difunde pelo mundo, apenas com intuitos comerciais. Ressuscitaram-se falsos heroísmos, inverosímeis aventuras, afastaram-se para secundários planos o bom gosto artístico e entrou-se plenamente no absurdo — não na parte estranha e bela que certos absurdos possuem, mas sim na sua parte mais grosseira, mas indigna da mentalidade contemporânea. São películas para amadores de touradas e de *football*, para leitores de *Poisson du Terail* e de *Conan Doyle*...

Desvirtuado assim pelo *film* americano o papel educativo do cinema, resta o outro, o artístico, que não é

contudo dado por aquelas fitas, cuja perfeição de técnica cinematográfica não contesto, mas cujo critério de arte nego em absoluto.

O cinema, sob o puro ponto de vista artístico, mesmo quando tem senões de técnica, é ainda privilegio da Europa. E hoje é especialmente da Alemanha e da França.

E ao falar do cinema, eu parto do principio, ao contrario de tantos outros que o negam, de que êle por si só é uma arte. Uma expressão de arte que pode interpretar e fundir, numa só, todas as outras conservando, contudo, a sua independencia. E o erro até hoje tem consistido em quererem que o cinema seja um prolongamento do teatro e do romance.

Nisto estou com o alemão Carlo Mierendorff, quando diz que «quem descobrir totalmente o cinema, transformará o mundo.»

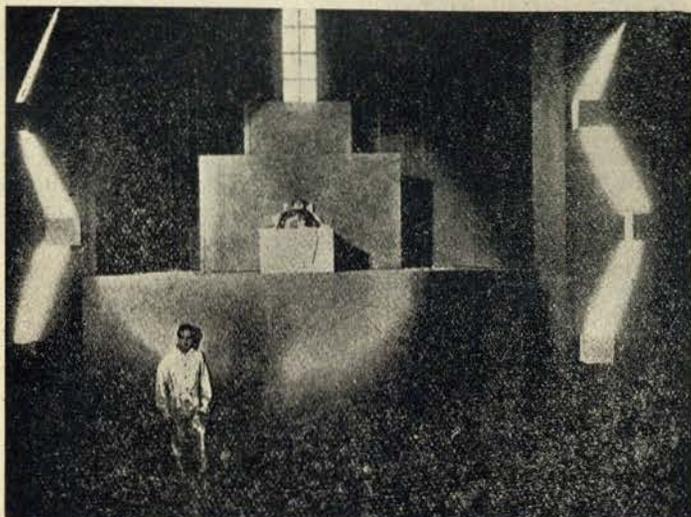
O cinema tem, de facto, um grande papel renovador, pela sua sugestão estetica, sentimen-



O expressionismo no cinema — Uma scena do «Gabinete do Dr. Caligari»

tal e ideológica. Como é profundamente objetivo, torna-se facilmente compreensível, mesma aos mais rudes, mesmo aos analfabetos.

E por isso mesmo o cinema é, de todas as



O volume e a luz no cinema moderno — Uma scena da «Deshumana»

artes, a que mais se tem difundido e renovado nos ultimos anos.

Depois do romance fotografado, nas paisagens bucolicas de Italia, depois do teatro levado á mudez do ecrán, na França, o cinema principia a conquistar uma personalidade propria.

Diz Jean Epstein, cineasta da vanguarda francesa, ao qual se deve, entre outras, essa película modernissima, que é *L'Affiche*:

«Geralmente o cinema assimila mal anedocta. Eu não desejo *films* onde não se passe coisa alguma, mas tambem não desejo aqueles onde se passam grandes coisas. Quero fotogenia, fotogenia pura, mobilidade com ritmo. No cinema o mais humilde detalhe facilita o sentido do drama entrevisto».

Foram os alemães, porem, que deram o primeiro grito de Belesa Nova, no cinema. Roberto Wiene rompeu as velhas formulas, as gastas interpretações, as decorações arcaicas, com um *film* precursor que assombrou a Europa. *O Gabinete do dr. Caligárd.* Depois vieram os franceses, o grande Marcel l'Herbier, com a sua *Deshumana*, que pelo seu ineditismo irritou as plateias burguesas, tendo-se em Portugal chegado ao exagero de se aplaudir e patear essa película; René Clair, com *O Entreacto* e *O Fantasma*, do *Moinho Vermelho*, Jacques Feyder, com *Expressões de creanças* e Epstein. com o já referido *L'Affiche*.

Como consequencia destas películas da vanguarda, surgem outras dentro já da nova tecnica, como *Sumurum*, um singular bailado oriental posto em cinema; *O defunto Matias Pascal*, de que Marcel l'Hertier foi o encena-

dor; *O Brazeiro ardente* e o *Leão de Mongolia*. Os alemães, por sua vez, procurando mais a sobriedade decorativa, dão-nos uma obra formidável com a filmagem da lenda dos *Nibelungos*. Ha outros ainda que se veem incorporar á belesa nova: De Delluc, com *A Mulher de parte alguma*; Griffith com a *Rua dos Sonhos* e Abel Gance, com *A Roda*.

Todos eles interpretam as novas manifestações de belesa, o triunfo do espirito moderno — e criam assim uma nova tecnica e até uma nova forma de representação.

O trabalho de Moujouskine no *Defunto Matias Pascal* e de Jacques Catelain na *Deshumana* deixam realmente prever que é possível em breve crear sobre a actual maneira de interpretar os personagens, uma outra muito diferente, com atitudes, gestos e expressões de ineditas modalidades.

Num artigo da *Comedia*, escreveu em 1925 Catelain:

«Não necessitamos jámais de dar a nossa situação exterior ante o meio, mas sim a justa expressão da nossa

alma.» «...Devemos saber dar á impressionabilidade da película uma vida profunda, uma vida essencial, a vida toda nua da nossa alma».

O cinema, pois, está entrando agora na sua verdadeira fase de criação, está sendo, com a victoria do espirito novo, totalmente descoberto. Deste estado de renovação devem surgir belas certezas artisticas, belas revelações duma arte nova — nova pelo espirito e nova pela existencia, pois não será somente uma arte que prossegue, metamorfosando-se, mas sim uma arte que principia.

E não é arriscado esperar desta arte que vai viver por si propria, fóra do teatro e do romance, novas e valiosas conquistas para a humanidade, quer mentalmente, quer esteticamente.



A interpretação no cinema da vanguarda — Jacques Catelain caracterizado para um papel de engenheiro

F. de C.

FILHOS DE RICOS

Gemeram os prélos de algumas empresas editoriais para nós darem notícias pitorescas da vida íntima de alguns membros de casas reinantes que, pela sua tenra idade, poderiam pro-



Os filhos do rei da Suécia brincando aos «soldados»

vocar interesse nas pessoas em que o sentimento fala melhor do que o cerebro. Já não é a primeira vez que publicação periodica, armando à grande reportagem, nos contou mil e um accidentes da existencia dessas vergontes realengas, a quem presumivelmente em tempos mais proximos ou mais afastados virá a ser entregue o destino dos países, onde a rasão dinastica os colocou

Verifica-se dessa reportagem cuidada, minuciosa e indiscreta a situação de opressão em que essa mocidade vive, triturada pela rigidez da pragmatica, asfixiada por convenções ferreveis de minudencia.

Quando li um desses *compte rendus* veio-me à ideia a comparação da vida da mocidade pobre com a juventude abastada.

E não senti, como não era natural que sentisse, odio, ou emulação por essas pequeninas vidas faustosas, que arrastam a sua penitencia da felicidade pelos salões doirados. Pobres crianças que ignoram do mundo o que ele tem de expontaneamento belo, que não sabem o que é a vida criadora e fecunda que faz germinar as sementes uteis que á terra são lançadas, num arremeço de fecunda produção!

Essa juventude opulenta que o codigo do bom tom amaranha em costumeiras nefastas, em cuidados frementes, se tem a riqueza em que vive com toda a comodidade que lhe dá o

bem estar, tem, em compensação, a cercear-lhe os horisontes da Verdade, a educação altiva do preconceito que fecha as suas almas ao amplexo do Bem e da sinceridade! A mocidade sacrificada do proletario não deve odiar esses seres desgraçados que não conhecem o realismo da vida e que, apesar do privilegio que os ampara, se estiolam num amarelecimento da fisionomia e se degradam numa deturpação moral e mental que os inutilisa para todas as ações altruistas e para todos os cometimentos uteis!

Os seus brinquedos, as suas guloseimas teem o travo cruel duma subordinação de casta que torna aridos todos os horisontes, que transforma esse bem estar ficticio na mais pavorosa das mentiras e dos ludibrios. O filho do pobre olha com gula para esse mundo de atractivo que cerca os filhos ricos, mas não deve inveja-lo sob o ponto de vista duma abastança artificiosa e de falsos europeis, porque tem, como contraste diante dos seus olhos, proximo do seu coração, a ardencia da luta que fará dela, mais tarde, titan que fenderá a golpes de razão, os latrocicios duma sociedade tarada. A criança rica não sabe o que vale independencia que o pobre alimenta com o seu orgulho de probresa, e que lhe dá ocasião



O príncipe do Montenegro acompanhado do seu guardião

a que de olhares bem altos e de animo bem de-sassombado, quando homem, para erguer o facho da sua Moral sem rival, apregoando o direito que tem a existência e clamando com fervor à doutrina da solidariedade humana, ferindo as injustiças com o seu escalpo impetuoso, condenando os erros com a sua propria situação e condenados a indiferença dos homens a quem nada talta.

As sedas que encobrem os corpitos debeds dos pequenitos fransinos que nasceram em berços de ouro, afogueiram-lhe o coração, afastaram-lhe a alma a todas as emoções verdadeiras, a todas as tendencias de perfeitibilidade humana. O filho do rico amarrado ao convencionalismo torpe da sociedade em que vive, é um escravo da sua propria opolencia, uma vitima do seu bem estar. Liberta-lo dessas cadeias pesadas do dogmatismos estereis, traze-lo á vida é o melhor acto que podem praticar os que vivem á margem do conforto e da felicidade mundana.

Quando, mais tarde, essa mocidade, senhora de todos os multiplos poderes que a sorte lhe trouxe, envolvida na supremacia do mundo e do predomínio de casta, não pode já arrear caminho e a barreira que separa as almas ergue-se fatal, enorme, altissima, a destruir todos os anhelos de fraternidade a deturpar todas as aspirações de bem estar para os que trabalham.

E, a criança de hontem, pela sua propria condição «é o tirano de amanhã» e o mundo continuará a dividir-se entre exploradores e explorados e a luta proseguirá acesa, encarniçada enquanto a criança que vive na opulencia que a inutiliza para o bem, não for libertada para o mundo, quebrando deste modo, os elos fatais que a prendem á convenção esmagadora e torpe!

Vogueira de Brito

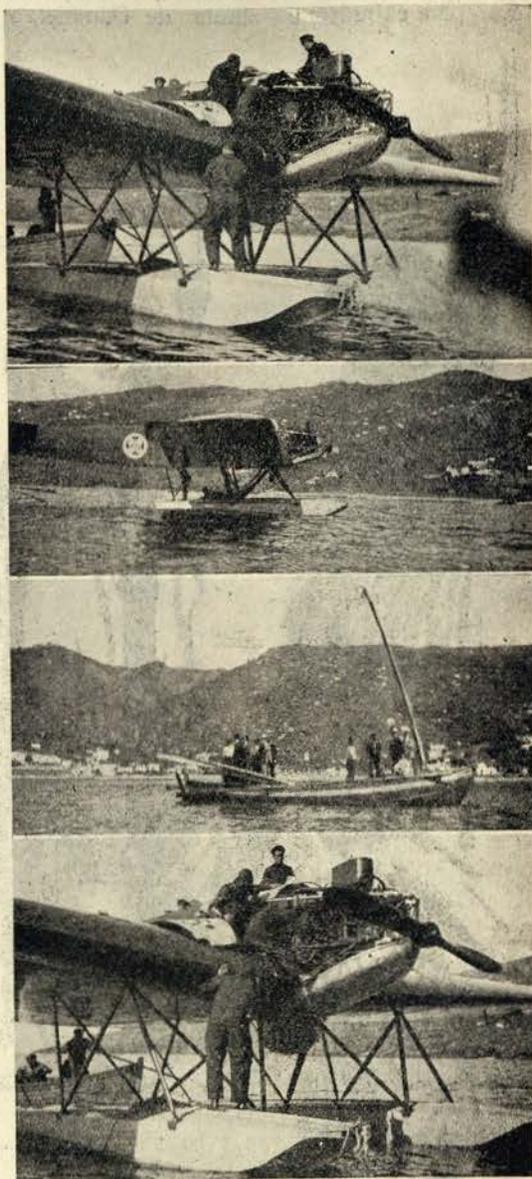
A agricultura alemã

Realizou-se ha pouco tempo em Berlim uma exposição agrícola, denominada *Grüne Exposition*, e na qual figuravam, a par dos productos vegetais do solo germânico, exemplares das diferentes espécies e raças de animais domésticos, aves, ect. — tudo largamente documentado com interessantes dados numéricos e estatísticos.

Uma das estatísticas mais curiosas que apareceram nesta exposição, foi, sem dúvida, aquela que dizia respeito á população alada da capital da república imperial; além de muitas outras espécies de aves, patos, pombos, etc., a estatística acusava a existência de 530.000 galinhas, cifra enorme — mas ainda assim insignificante, pois só daria para metade da população da grande cidade comer canja, caso tivessem todos os seus habitantes esse desejo no mesmo dia.

De Lisboa aos Açores pelo ar

Dois officiaes aviadores propuseram-se fazer, em hidroavião, a viagem Lisboa-Açores e volta. Obrigados a amarissar antes do primeiro porto de escala — Funchal, — ao proseguir o raid, por falta de gasolina caíram novamente ao mar a algumas milhas antes do terminus da viagem — Ponta Delgada. Verificando, só então, as autoridades as más condições do aparelho e a impossibilidade do tesouro publico de custear as despesas do raid, foi ordenado o regresso immediato dos aviadores. Quando é que veremos partir de cima a pratica da teoria que preconizam: — *é preciso produzir e economizar?*



Na baía de Santa Cruz do Funchal: (1) O avião «Infant de Sagres» sotrendo reparações apoz a sua chegada — (2) O «Sagres» amarissado — (3) O barco S. João que encontrou e rebocou o avião — (4) Os aviadores concertando o aparelho.

(Clichés Mesquita)

A ARTE REVOLUCIONARIA

Um grande pintor dos oprimidos

Os oprimidos teem um grande o seu grande pintor: Steinlen.

A multidão anonima que forma o sinistro cortejo de destroços arremessados á rua, como resíduos da grande maquina do capitalismo, deixou de ser a grande sombra, o farrapo de treva, para enfrentar os albuns de Daumier, o

pintor dos costumes burgueses, e marcar o rigoroso contraste das expressões dos que jantam e gosam, e dos que são jantados e agonizam. A sua agua forte, «Miseria e esplendor» é a mais bela sintese deste contraste, destas duas poderosas forças sobre que assenta o mundo moderno.



Um desenho de Steinlen

Steinlen, soube ter a energia capaz de abandonar os boulevards e procurar nos mais obscuros recantos, esse lixo da civilização, esses tenebrosos despojos humanos, que tais são os desgraçados a quem a mais espantosa miseria rouba a configuração humana.

Os seus desenhos são apontamentos preciosísimos de introdução á historia da miseria contemporânea.

São quasi documentos vivos, porque os traços dessa obra de emoção e de revolta estão impregnados do pó das estradas batidas pelos vagabundos, da poeira negra das descargas nos grandes portos, do pó dos casebres imundos, onde tudo é negro — as almas, as paredes, as roupas.

São desenhos feitos a carvão, verdadeiros traços onde o sombrio, todo o negro das vidas miseraveis e fixado num simples risco, como se um braço mascarrado, sujo de lama, riscasse nas paredes, ao cair desamparado, succumbindo à fome e ao frio...

A obra de Steinlen é um panfleto.

E' o grito atirado ao mundo contemporâneo:

«Tremei burgueses! A miseria é grande. A mobilização dos miseraveis é um facto, um facto que se impõe pela sua grandeza. Dentro em pouco ela avassala o mundo, cercar-vos-ha, estupidos endinheirados, e não podereis resistir-lhe ao impulso formidável que abalará até á derrocada, as vossas instituições».

Tal é o espirito dos desenhos de Steinlen. A emoção e a revolta. A miseria atinjindo a



Outro desenho de Steinlen

magestade dos cortejos de uma avassaladora imponencia. Ha pesadelo e aureola, pavor e um sentido epico que assombra, nos miseraveis de Steinlen. O mundo, as sugestões, todo um novo universo revelado pela fome, são os unicos clares da obra de Steinlen.

Fora disto, tudo é negro nas suas famosas aguas fortes. As mulheres já não teem pudor. Em seus olhos, de uma tristeza feroz, brilha a ansia satânica da entrega grosseira, sem a minima espiritualidade. A fome despedaçou todas as algemas morais. O mesmo nos homens. Fora da vida, fora de tudo, seus olhos só deixam transparecer a saudade do ultimo pedaço de pão, ou da ultima vez que conheceram uma enxerga. Para surpreender esses olhares, para arrancar a existencia subterranea a estas personagens Steinlen foi aos *bás-fonds* das grandes capitais, e com lama, com lagrimas cimentou a sua obra que ficará eterna, como o mais belo grito de maldição contra a burguezia prestes a sucumbir.

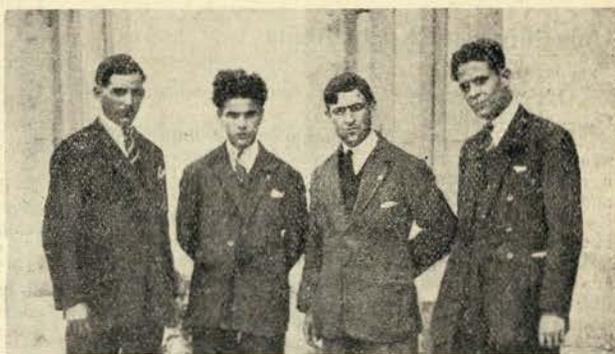
Eduardo Frias

A Mocidade das Oficinas

Acaba de realizar-se em Lisboa mais um congresso de jovens sindicalistas. A organização juvenil operaria, entre nós, não compreendera, até ha pouco, o verdadeiro sentido das *Juventudes Sindicalistas*. Essa compreensão resultou perfeita neste seu ultimo congresso que decorreu com elevação e entusiasmo. As Juventudes Sindicalistas são escolas de militantes, centros de cultura moral, intelectual e fisica dos jovens operarios, e são ao mesmo tempo forças de auxilio mutuo ou de cooperação entre eles para a sua elevação e fortalecimento moral. Mas devem ser tambem centros de diversão e propulsores de alegria. Que os jovens sejam jovens!

Queremos uma mocidade operaria *moça*, alegre, entusiasta, generosa, idealista e romantica.

E' preciso criar-lhe a alegria de viver. Ha de ser ela que lhes ha de emprestar o vigor para a luta e o desejo forte de vencer.



Comissão organizadora do Congresso das J. S.:— Jorge Mateus, Germinal de Souza, José dos Santos e Raul Curado



Uma das sessões do Congresso

O MUNDO CURIOSO

A transmissão de imagens

pela T. S. F.

O engenheiro francês Eduardo Balin realizou ha pouco na Austria interessantes experiências para a transmissão de imagens pela T. S. F., obtendo um êxito verdadeiramente animador. Assim, conseguiu transmitir de Viena para Paris retratos e autógrafos, e recebê-los ali, transmitidos pela estação parisiense de Malmaison.

Serviú-se o inventor francês da estação de telegrafia sem fios de Rosenhüegel para as suas experiências, conseguindo transmissões de tal modo rápidas e nítidas que êle proprio se confessou assombrado, pois que conseguira já alguns resultados com o dispositivo que inventara, mas a distancia muito inferior. Ora, Rosenhüegel fica a cerca de 1.500 quilómetros de Malmaison, e a transmissão de imagens pela T. S. F., obtida já entre Berlim e Paris, conquistou com os aperfeiçoamentos introduzidos por Balin, um *record* duas vezes e meia superior ao antecedente.

Este engenheiro tentara também a transmissão pelo mesmo processo entre a Europa e a América, mas os resultados obtidos não foram satisfatórios.

Uma imperatriz no cinema

Os deuses foram-se, e os reis seus delegados na Terra, vão-se também.

Já os *testas coroadas*, omnipotentes e oniscientes, não passam de humanos, sujeitos ás humanas misérias, e a todas as necessidades que nos afligem. Ha alguns anos, uma empresa cinematográfica norte-americana quiz contratar para o seu elenco a imperatriz-viúva da Austria-Hungria. Zita de Bourbon-Parma, quasi na miséria, accetaria, se um príncipe reinante seu parente isso não tivesse evitado, lembrando-se finalmente de acudir á situação dolorosa da última rainha dos hungaros. Mas agora chegamos a noticia de que a mulher do ex-imperador da China assinou já o contracto com uma companhia cinematográfica inglesa.

De resto, Pu-Ji, assim se chama a ex-imperatriz, arranjou pura e simplesmente uma maneira de ganhar a vida, sem deixar de ser rainha; pois, se, na realidade possui talento, dentro em breve se alçapremará ao trono rutilo das *Screen-Stars*—realeza bem mais simpática do que aquela que tantos desgostos lhe causou.

O Polo Norte

Nunca, como agora, a esfinge dos gelos tentou os homens em tão alto grau, com o sorriso esquivo de inviolada, que tem arrastado até aos seus domínios de mistério e sombra dezenas de exploradores que não voltaram mais. Mas a audácia humana não desarma,—e este ano quatro grandes expedições se preparam.

De uma, já esta revista se occupou largamente:—a do capitão Wilkins; outra, é a do infatigável Amundsen, o vencedor do Polo Sul, que repetiu agora a sua tentativa, malograda em 1925; a terceira pertence á iniciativa americana, e dela fazem parte os aviadores Oyden e Wade, a quem o Estado subsidia; a quarta, finalmente, é devida a dois filhos de milionários norte-americanos, um dos quais é nada menos do de Henry Ford, o célebre constructor de automoveis, e dela se encarregou o capitão Byrd.

Todas estas expedições tentarão chegar ao Polo Norte pelo caminho dos ares.

Amundsen conseguiu atingi-lo já. Byrd efectuou também já o seu vôo, cujos resultados ignoramos. Os outros devem estar prestes a tentar a aventura.

Ovos Cosidos

A mania estúpida das apostas leva muitas vezes o individuo que dela sofre a cometer as maiores brutalidades, umas vezes na cegueira de ganhar algum dinheiro, outras para dar simplesmente uma satisfação grosseira ao seu amor próprio.

Está nos casos destes últimos um estudante inglês, aluno da Universidade de Cambridge, que, por aposta, comeu num quarto de hora trinta e seis ovos cosidos, e, após um descanso de dez minutos, mais vinte e quatro. Foi levado em triunfo pelos colegas, instigadores e calorosos entusiastas da proesa, e cordealmente felicitado pelos doutos catedráticos da célebre universidade inglesa. Esta segunda parte do triunfo do devorador de ovos não é official, mas dá a medida da intellectualidade dos professores de Cambridge. Felicitar um aluno porque êle comeu sessenta ovos em meia hora! Só ingleses seriam capazes de o fazer.

O canal Afonso XIII em Sevilha

O porto de Sevilha, um dos melhores da Europa, apesar de fluvial, acaba de inaugurar um grande melhoramento, que é, ao mesmo tempo, uma obra formidável, de engenharia—o canal afonso III, destinado a substituir o braço do rio em curva, a juzante da cidade.

Esse canal tem seis quilómetros de extensão e oito metros de profundidade; para escavá-lo, foi necessario renover mais de sete milhões de metros cúbicos de entulho, e custou dez milhões de pesetas.

As duas margens são ligadas por uma ponte levadiça de dois trancos, com 36 metros de vão. Esta ponte, construída na «Maquinola Terrestre y Marítima», de Barcelona, custou três milhões de pesetas.

O tráfego dos grandes navios no canal é assegurado por um muro-cais com cerca de mil metros de extensão; no terraplano deste novo porto, estão sendo actualtente constridos imensos *hangars*, em cimento armado, destinados ao serviço da navegação de grande tonelagem.

Empregados de Comercio e Industria



O Sindicato dos Empregados do Comercio e Industria está espalhando em todos os cantos da cidade a sua propaganda em defesa do horario de trabalho, do descanso semanal e da abolição do uso das carroças de mão. A nossa gravura representa uma das sessões de propaganda realizadas nas diversas areas da cidade.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A teoria libertaria ou o anarquismo, por Campos Lima. Na serie de conferencias sobre doutrinas politicas e sociais organizada pela Universidade Popular Portuguesa, coube a Campos Lima a exposiçao do *anarquismo*. Não podia ter recaido essa escolha em pessoa mais competente, Campos Lima, alem de conhecer como poucos as doutrinas anarquistas, é, entre nós, quem melhor as sabe expor. Confirma-o a conferencia que as edições *Spartacus* acaba de publicar num elegante voluminho de 50 paginas, ao preço de 3\$00.

Vida miseravel, por Azevedo Neves. Como artigos de propaganda e divulgaçao, escritos para o jornal, nada temos a reparar. Como capitulos dum volume, não são dignos do nome do illustre homem de ciencia. O livro versa assuntos de beneficencia e de assistencia. O artigo «Mães!...» deixa-nos a impressao de que se a rainha D. Amelia ainda cá estivesse o problema da assistencia á mulher e á primeira infancia estava já resolvido. No artigo «Assistencia» conta-nos o sr. dr. Azevedo Neves este caso que desconheciamos e que com praser arquivamos:

«Ainda não ha muito tempo se deu o seguinte caso. Entre as victimas do desabamento d'um predio em construcção, havia alguns catholicos praticantes. A corporaçao operaria, que tinha tomado o encargo dos funerais, convidou um sacerdote para encomendar aqueles falecidos.

«A comissao manifestou o desejo de que o padre acompanhasse os ferretos ao cemiterio, mas não conseguiu os seus intentos. Não me recordo que preceitos legais ou ordens superiores o sacerdote alegou como excusa. Os operarios confessaram-me o seu pezar, porque queriam demonstrar á cidade de Lisboa a sua tolerancia e disciplina. E assim deixou de percorrer as ruas de Lisboa uma solemne manifestaçao de paz e de respeito, expressao de ordem e de sentimento daqueles em que muitos apontam defeitos, sem lhes reconhecerem as virtudes. Os operarios que seguiam os ferretos passavam de trinta mil. Deixo os comentarios para o leitor fazer.»

O melhor artigo da *Vida miseravel* é sem contestaçao o ultimo — *Toxicomania*.

Julio de Castilho, discurso pronunciado na sessao do Senado da Camara Municipal de Lisboa, em 18 de Janeiro de 1924, por Azevedo Neves Lisboa 1924.

Porque me orgulho de ser português, por Albino Forjaz de Sampaio. O pessimista das *Palavras cinicas*, o irreverente das *Cronicas imorais*, o revoltado que se sensibiliza com as *Vidas Sombrias dos Grilhetas*, da *Gente da Rua*, de *Lisboa tragica*, o rebelde do *Jornal dum rebelde*, meteu-se agora a fazer um livro patriotico. Fora do seu temperamento é, como obra literaria, inferior.

Tendo por objectivo unico fazer patriotismo, é um livro cheio de mentiras e de exageros. Muitas palavras, muitos tropos, e nenhuma ideia e nenhuma originalidade.

Verbo ser e verbo amar, por Antonio Correia de Oliveira. Poema religioso em oitocentos tercetos com uma dedicatoria, uma epigrafe, um «Antes», quatro cantos e ainda um *Post-Scriptum*. Não dizemos que é uma autentica estopada, sem beleza, nem inspiraçao, mas com muitas pretensões, porque tratando-se de um poema religioso reparamos que nos acusem de sectarios e parciais. Por isso limitamo-nos a registar o aparecimento do livro que é magnificamente editado pelas Livrarias Aillaud & Bertrand.

O *padre Sena Freitas*, por Antero de Figueiredo... Inteligente e orador brilhante, o padre Sena Freitas é padre. O sr. Antero de Figueiredo, literato, é monarquico e clerical. O livro é, pois, isto: o elogio de um padre profissional feito por um padre de vocaçao. O objectivo do livro é, apresentando como exemplo de fé e de combatividade o padre Sena Freitas, fazer propaganda conservadora entre a mocidade academica, pois não contente em ter exposto o seu trabalho em conferencias realizadas em Lisboa, Porto e Braga, o autor publica-o agora em volumes, saído das Livrarias Aillaud e Bertrand.

Accion. Secção espanhola da Revista Internacional Anarquista N.º 7, 8, 9 e 10 referentes respectivamente a

Janeiro, Fevereiro, Março e Abril — Red. e Adm. Librerie Internacional, Rue des Prairies, Paris (209) Colaboraçao de Santillan, Faure, Borghi, Armand, Carbó, Fabbri, etc. No seu numero de Março refere-se á *Renovaçao*.

Educaçao Social Revista mensal de Pedagogia e sociologia. Director Adolfo Lima, Sumario do n.º 4 do 3.º ano de 15 de Abril: A Educaçao pelo Romance — César Pôrto; Herbert George Wells — Adolfo Benarus; Pagina Selecta; Nota para um estudo sobre as ideias pedagogicas de Eça de Queirós — Dr. Antonio Sérgio; Anatole France — Dr. Luis da Camara Reys; Pagina Selecta; Emilio Zola; Pagina Selecta; Livros & Revistas.

Éditions de Pen dehors: La liberté, Nous Allons... Ultime bonté, por Albert Libertad, preço 50 cent, *L'illégaliste anarchiste est-il notre camarade?*, por E. Armand, preço 25 cent, *Qui juge le criminel? Inconsequences des lois pénales*, por Clarence S. Darrow, preço 20 cent, 22, Cité Saint Joseph, Paris, Orleans.

La Revista Blanca. Recebemos o numero correspondente ao 1.º de Maio (71 da sua segunda epoca) desta importante publicaçao quinzenal de sociologia, ciencia e arte, que vé a luz em Barcelona, calle de las Oliveras, 3.º (Guinardo) A' venda na administraçao da *Renovaçao*.

La Novela Ideal edição de *La Revista Blanca*, Volumes ultimamente recebidos: n.º 28, *Amor y sacrificio*, por Solano Palacio; n.º 29, *Maternidad*, por Federica Montseny; n.º 30, *Esperanza*, por Ignacio Cornajo. *La Novela Ideal* encontra-se á venda na nossa administraçao a cinquenta centavos cada.

A asa, revista mensal de propaganda espirita, órgao do Centro Espiritualista Luz e Amor. Red. R. Sampaio Pina, H e A. 3-D. Lisboa.

O Pensamento, revista mensal ilustrada, órgao do Circulo Esoterico da Comunhão do Pensamento. R. Rodrigo Silva, 40, S. Paulo (Brasil).

La Verdad, publicaçao mensal e editada pelo grupo anarquista «Aurora Libertaria» Publica-se em Tandil, Argentina, distribue-se gratuitamente.

Tie Vapaauteen revista esperantista ilustrada. Magnifica apresentaçao grafica. Reprodiz na capa do seu n.º 8, a capa do 1.º numero da *Renovaçao*.

Len dehors, órgao de pratica, de realizaçao e de camaradagem individualista anarquista. Bi-mensal, 8 paginas 22, cité St. Joseph, Orleans — Paris.

Boletim da Associação de Classe dos Empregados de Escritório, N.º 2, publicado no dia 1 de Maio. Red. na sede associativa R. Madalena 225, 1.º

Socorro Vermelho, Boletim do comité central da secção portuguesa do Socorro Vermelho Internacional, N.º 4, Abril 1926.

O Palhinha, propriedade e órgao de propaganda da «Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs. Distribuçao gratuita.

O Clamór, órgao defensor dos funcionarios das Direcções Externas do Ministerio do Comercio e Comunicações — Director João Arriegas — Red. e Adm. Escadas do Monte. (Vila 6) r. 6, 3. Esq. Lisboa. Publicaçao mensal n.º 10, referente a Março.

O Povo de Silves, Quinzenario de Silves, *Sagitario*, quinzenal sociologico que se publica em Villa de Cecilia, Tamanlipas, Mexico.

O Rapido, órgao e propriedade do pessoal dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta, Director Mario Castelhan, Redaçao na Figueira da Foz.

Meteoro. Publicaçao coimbrã que se diz contra a mentira e contra o egoismo Director, David Agria. No n.º 66, num artigo sobre o direito á carteira do jornalista, confunde, como muita gente, jornalista com o profissional do jornalismo. Desta confusao, o acervo de desconchavos do referido artigo em que se escreve: «não são jornalistas esses que não escrevem o que pensam e o que sustentem, mas o que agrada e convem áqueles que lhes pagam.» Certissimo. Esses não são jornalistas, são profissionais do jornalismo e para estes ultimos é que é a tal carteira que se intitula *carteira de identidade do profissional da imprensa*.



Renovação

REVISTA GRAFICA
DE
NOVOS HORIZONTES SOCIAIS
Arte, Literatura, Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

Portugal, colonias e Espanha

3 meses.....	9\$00
6	18\$00
Ano.....	36\$00

Estrangeiro

6 meses.....	24\$00
Ano.....	48\$00

AGENCIAS

Paris—*Livraria Internacional*—Rue Petit, 14 (19^e).
New Bedford, Mass (U S A.)—*Livraria Contemporânea*—56. Nelson St.

Argentina—*José Francisco de Jesus*—Cassilla, 19—Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal—*Bureau de la Presse*.

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a cores, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A—LISBOA

Não basta ler a **Renovação**. É preciso espalhá-la! Se cada um dos seus actuais assinantes angariasse um assinante novo, **Renovação** poder-se-ia publicar com o dobro de páginas sem alteração de preço.

Renovação retribue as fotografias interessantes que lhe sejam enviadas pelos seus leitores sobre acontecimentos que interessem à vida operária, tais como: manifestações populares, greves, congressos, comícios, desastres no trabalho, festas associativas, inauguração de escolas, cooperativas operárias, etc.